

2 Educação e Comunicação – áreas que se cruzam

A revolução tecnológica nas áreas da informação e da comunicação ocorreu de forma muito rápida, implicando mudanças profundas na vida das pessoas, tanto na esfera pessoal, quanto profissional. Rádio, cinema, imprensa escrita e televisão sofreram grandes transformações desde o início do século, tornando-se acessíveis a grande parte da população brasileira; computadores e internet, embora ainda restritos a uma pequena parcela da sociedade, vêm ocupando cada vez mais espaço seja em casa, na escola, no trabalho ou no lazer. Reconhecer a presença praticamente diária da mídia e sua influência na vida das pessoas é uma das questões que nos levam ao seu estudo. Recorrendo a Silverstone, 2002:

“É impossível escapar à presença, à representação da mídia. Passamos a depender da mídia, tanto impressa quanto eletrônica, para fins de entretenimento e informação, de conforto e segurança, para ver algum sentido nas continuidades da experiência e também, de quando em quando, para as intensidades da experiência.” (p.12)

Adotando a definição de Pierre Levy¹, para quem mídia é o suporte ou veículo da mensagem, trabalhamos com a idéia de que mídia é o que usamos quando queremos comunicar algo para as pessoas de forma indireta, ou seja, no lugar de falarmos diretamente, de forma pessoal, nos utilizamos de um meio para transmitir determinada mensagem. Nesse caso, é mais preciso falarmos em mídias. Na medida em que as mídias são sempre produzidas por alguém (não existem por si só) tanto elas quanto suas mensagens não podem ser consideradas uma realidade absoluta do mundo em que vivemos, mas sim representações e imagens que determinada pessoa tem desse mundo. Como diz Buckingham (2003) *“The media provide us with selective versions of the world, rather than direct access to it.”* (p.3) (A mídia nos oferece versões seletivas do mundo, ao invés de acesso direto a ele. Trad. própria).

É necessário considerar que as mídias são compostas por diversos agentes, que podem ser divididos em dois grupos principais: seus produtores e seus consumidores, que estão envolvidos numa relação de troca de significados

¹ “A mídia é o suporte ou veículo da mensagem. O impresso, o rádio, a televisão, o cinema ou a internet, por exemplo, são mídias.” (Levy, 1999, p. 61)

mediados por determinada mensagem. Seus produtores conquistaram um lugar de destaque na economia e na cultura de diversas sociedades. Se pararmos para pensar, veremos que são muitas e imensas as empresas ligadas à televisão, cinema, jornal, revistas e que essas empresas geram lucro, empregos, e, principalmente, que essas empresas e aquilo que elas produzem, nos oferecem idéias, imagens e representações, com as quais vamos moldando nossas próprias visões da realidade.

Mas se a mídia influencia o modo pelo qual enxergamos e significamos o mundo que nos rodeia, sua produção também é influenciada pelo contexto no qual está inserida. Assim, a forma com que essa circulação de significados acontece se dá de uma infinidade de maneiras, exigindo que levemos em conta não só as características e experiências individuais destes consumidores, mas o contexto no qual estão inseridos. O país, a cidade, as culturas que se cruzam, e, neste trabalho, as escolas que pesquisamos, fazem da mídia uma categoria não homogênea, mas algo determinante e determinado por diversos fatores (econômicos, sociais, culturais...).

É nessa perspectiva que defendemos seu estudo, em sua relação estreita com o contexto cultural no qual se encontra e entendida de forma bilateral, ou seja, decidida e significada a partir das interações que se estabelecem entre emissores e receptores de mensagens, onde ambos atuam de forma a dar sentido ao que comunicam e ao que lhes é comunicado. Assim, é necessário relacionarmos o papel que as mídias e as tecnologias exercem com estas especificidades culturais, se quisermos compreender melhor onde elas tem se inserido no que diz respeito à produção de significados e identidades dos indivíduos.

Silverstone (2002) também admite que a tecnologia é determinada pela lógica cultural da sociedade, não sendo algo autônomo. Ele acredita que é através dos usos que os sujeitos fazem das coisas que eles as transformam em cultura, não sendo possível desvincular comunicação, atuação dos sujeitos e cultura. Se estas novas tecnologias apresentam uma nova forma de comunicação e acesso das pessoas aos mais variados tipos de informação e se sua presença é cada vez mais fortemente sentida na sociedade, não há como negar uma nova configuração que surge nas diferentes esferas de nossas vidas.

A escola, como lugar onde os indivíduos passam boa parte de seu tempo e como formadora de identidades e subjetividades, não pode deixar de fora de suas práticas essas tecnologias de informação e comunicação. Assim, se é importante um estudo de como estas tecnologias se encontram hoje dentro da escola, tão importante quanto isso, é um estudo da utilização das mesmas pelos professores: como os professores entendem as mídias e qual a utilização que fazem das mesmas dentro da escola. Além disso, se estamos falando de cultura, mais uma razão para centrarmos nosso estudo nesta instituição, que é por excelência o lugar social da transmissão deste legado. O argumento para que se tenham estudos e práticas mídia-educativas em ambientes escolares é essencialmente que a mídia está totalmente imbricada na vida das pessoas, o que faz com que sua presença no ensino não possa mais deixar de ser considerada.

A escola se caracterizou por transmitir essencialmente a cultura escrita e por valorizar o livro como o maior meio de transmissão cultural e de comunicação de conteúdos. No entanto, com o avanço estrondoso da tecnologia, com a entrada da mesma de forma quase ubíqua na vida das pessoas, e com as habilidades requeridas para que sejam usadas, a idéia de que a escola trabalhe com essas diferentes formas de se comunicar se tornou imprescindível. A comunicação e transmissão de mensagens deixou de ter nos livros sua principal fonte, passando a envolver, mais do que uma linguagem verbal, uma linguagem visual. Com isso, não queremos dizer que a escola deva abandonar os livros e atuar somente sobre práticas que utilizem novas tecnologias, mas que abram suas portas para algo que já faz parte da vida dos alunos fora dela. Como diz Buckingham (2003) “*Literacy today, it is argued, is inevitably and necessarily, multimedia literacy...*” (p.35 grifo do autor) “Alfabetização hoje é inevitável e necessariamente alfabetização multimidiática.” (tradução minha).

Esses cruzamentos entre educação e comunicação têm levado ao surgimento de estudos multidisciplinares, que podem ser classificados basicamente em três eixos de análise²: os estudos de recepção, cujo locus é a articulação entre emissores e receptores das mídias na produção de sentido; a análise de produtos midiáticos, ou seja, interpretação de discursos produzidos pelas mídias, com uma influência forte da semiologia, dos estudos culturais e da

² Leite, 2005.

perspectiva foucaultiana; estudos em mídia-educação, voltados para a análise e compreensão de práticas midiáticas que acontecem dentro e fora da escola.

Com relação aos referenciais teóricos que fundamentam estes três eixos, podemos dizer que eles são bastante diversificados, mas arriscamo-nos a classificá-los de acordo com o que se segue. Os estudos de recepção realizados no cruzamento entre educação e comunicação levam em conta a Teoria das mediações, que tem como principais referências os trabalhos de Jésus Martin-Barbero, Nestor Canclini e Guillermo Orozco Gomez. Na análise dos produtos midiáticos e análise de suas estruturas narrativas, encontraríamos principalmente autores que se apóiam na semiótica de Roland Barthes, Umberto Eco e Merleau-Ponty, além de autores que transitam pelos Estudos Culturais como Stuart Hall, Raymond Willians, Henry Giroux, entre outros. No terceiro eixo de análise, encontramos trabalhos que discutem diretamente práticas mídia-educativas como os de David Buckingham, Píer Césare Rivoltella, Geneviève Jaquinot, Ismar Soares, entre outros. Nosso estudo se ancora fundamentalmente nesse campo e teve como meta mapear, analisar e descrever práticas mídia-educativas realizadas em escolas públicas do Município do Rio de Janeiro.

Como classificar e entender uma prática mídia-educativa? Como diferenciá-la de uma prática educativa que utiliza meios? Que metodologias utilizar para estudá-la? De que lugar estamos falando e quais as características principais deste tipo de prática? A partir dessas questões, fez-se necessário o entendimento do que significa propriamente mídia-educação. Passaremos, então, a uma breve apresentação desse campo que está se configurando no meio acadêmico.

2.1

Mídia-Educação como prática educativa e campo de pesquisa.

O termo mídia-educação surge através de pesquisadores que se encontram no campo de interseção entre as áreas da comunicação e da educação, numa tentativa de definir melhor seu objeto de estudo e seu campo de atuação. Órgãos mundiais como a ONU e a UNESCO trataram de divulgar a expressão mídia-educação, através de documentos oficiais³ e encontros com especialistas da área,

³ Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança e do Adolescente, 1989 e UNESCO, 1984.

que não só difundiram o conceito, como experiências concretas que vinham sendo realizadas em diferentes países.

Se as mídias sempre fizeram parte da educação escolar, seja na forma impressa ou audiovisual, o que vem mudando é como elas são encaradas, e junto com elas o uso que se faz das chamadas tecnologias da informação e da comunicação (TIC). De acordo com Belloni (2001), teríamos fundamentalmente duas vertentes nesse campo: de um lado, uma proposta herdeira e sucessora da tecnologia educacional, onde, um dos usos que se faria seria com relação à instrumentalização técnica, ou seja, utilização dos equipamentos como ferramentas eletrônicas; de outro, teríamos a possibilidade de uma educação voltada para os aspectos comunicativos das mídias, além das possibilidades de atribuição de sentidos e de novas sensibilidades geradas por elas, a chamada mídia- educação. Porém, para esta autora, este seria um campo ainda com contornos pouco claros, necessitando de maiores definições.

O pesquisador italiano Píer Cesare Rivoltella (2001), professor da Universidade Católica de Milão, na Itália, e vice-presidente da *Associazione Italiana per l'educazione ai media e alla comunicazione* (MED), que vem realizando estudos no campo, também o considera como *campo disciplinare nella zona di intersezione tra le scienza dell'educazione e le scienza della comunicazione* (campo disciplinar na zona de intercessão entre a ciência da educação e a ciência da comunicação, p.7), mas apesar de considerá-lo em vias de consolidação, faz uma diferenciação bastante definida entre as pesquisas que se realizam neste âmbito e aquelas realizadas na ótica de uma educação sobre os meios. Defende que a mídia-educação abrange muito mais do que isso, na medida em que pode ser realizada para, pela e com as mídias, e que sua constituição enquanto campo autônomo disciplinar é muito importante para que se tenha uma visão mais abrangente dos fenômenos estudados, que deixariam de ser vistos unilateralmente (ora sob a perspectiva da educação, ora sob a perspectiva da comunicação).

Nesse sentido, a mídia-educação seria então o processo de ensino e aprendizagem através dos meios de comunicação, o que nunca deveria ser confundido com um ensino sobre ou com os meios. A diferença no uso das palavras pode parecer sutil num primeiro momento, mas analisando-a mais cuidadosamente, perceberemos o quão importante é esta idéia. Para os autores

estudados, um ensino sobre os meios ou com os meios estaria relacionado a práticas que utilizam os meios como ferramentas tecnológicas, ou mesmo que os utilizam apenas para ilustrar determinado conteúdo, o que não caracterizaria uma prática mídia-educativa. Esta não deveria ser confundida com tecnologia educacional, nem com mídia educacional. Ela inclui esses aspectos, mas os ultrapassa, na medida em que visa o desenvolvimento de algo a mais, que no caso seria a produção e a transformação. Nesse caso, o importante seria construir com os estudantes conhecimentos relativos ao uso de determinada tecnologia com fins pedagógicos (no sentido do ensinar a ver e a fazer) e expressivos (linguagens a serviço da expressão de idéias e sentimentos). Esses aspectos trariam maiores benefícios para o ensino na medida em que tornam o estudo mais interessante e criativo, rico em detalhes e imagens, e também mais próximo da cultura dos alunos, além de possibilitar-lhes o convívio com as tecnologias da comunicação e da informação, fundamentais no mundo contemporâneo.

Jacquinet (2002) traz um panorama mundial bastante interessante dos estudos em mídia-educação. De acordo com esta autora, em um encontro acontecido em Paris, envolvendo 50 países diferentes, foram discutidos resultados de pesquisas realizadas até então na área, chegando-se à conclusão de que o campo da mídia-educação precisava de contornos mais definidos, no sentido de dar-lhe uma direção, a qual os novos pesquisadores pudessem seguir. Além disso, cita alguns dos centros que vêm realizando pesquisas nesta área por todo o mundo.

Na França destaca o GRAME – Groupe de recherche sur les apprentissages, les médias et l'éducation (Grupo de pesquisa sobre a aprendizagem, os meios e a educação), o GRREM – Groupe de recherche sur le Relation des Enfants e des Médias (Grupo de pesquisa sobre a relação das crianças e dos meios), ambos situados na Universidade de Paris 8; e o CLEMI – Centre de Liaison de l'Enseignement et des Moyens d'Information (Centro de ligação do ensino e dos meios de informação), situado na Universidade de Paris 3.

Já no Canadá, cita como referência de estudos na área o GRJM – Groupe de recherche sur les Jeunes et les Média (Grupo de pesquisa sobre os jovens e os meios), situado na Universidade de Montreal e nos Estados Unidos, enfatiza o trabalho desenvolvido na Universidade da Califórnia, em Santa Bárbara.

No Reino Unido, refere-se aos estudos de David Buckingham, na Universidade de Londres, no qual nos deteremos mais, por se tratar de obra de referência para este trabalho.⁴

David Buckingham é fundador e diretor do Centro de Estudos da Criança, do Adolescente e da Mídia, localizado na Universidade de Londres e pioneiro no desenvolvimento de pesquisas em mídia-educação no Reino Unido. Seu Centro vem estudando as interações estabelecidas entre crianças-jovens e a televisão e as mídias eletrônicas (computador, internet), através de uma série de projetos, que visam justamente o uso destas novas tecnologias de forma crítica e consciente.

O autor nos fala especificamente em “alfabetização midiática” (Buckingham, 2003, p.4) e define suas características como necessariamente envolvendo as capacidades e habilidades fundamentais de qualquer processo de alfabetização, ou seja, ler e escrever. Já que a leitura envolve a compreensão do que se lê e um julgamento crítico, e a escrita envolve uma produção efetiva de algo, o aluno envolvido numa prática mídia-educativa deveria ser capaz de “ler e escrever” mídia, ou seja, entender de forma crítica o que se vê, se ouve ou se lê, bem como participar ativamente da produção. É uma via de mão dupla, onde quem consome pode e deve produzir e vice-versa. Esse aspecto tem sido muitas vezes negligenciado por pessoas que se restringem ao processo de “leitura” dos meios, deixando a “escrita” de lado. É importante salientar que não se trata apenas de fornecer habilidades e competências para usar tecnicamente determinada mídia, mas ao conhecimento necessário para interpretá-la, incluindo necessariamente análise, avaliação e reflexão crítica.

Belloni (idem) traduz essa mesma idéia no que ela chama de dupla dimensão: utilizar a mídia como ferramenta pedagógica e como objeto de estudo, de forma integrada. Esta autora vem desenvolvendo pesquisas no Brasil há mais de vinte anos, buscando entender principalmente como as novas gerações têm se apropriado das técnicas de informação e comunicação, bem como o modo como a escola, representada na figura dos professores, tem se apropriado e integrado tais instrumentos em suas praticas.

Tais abordagens sugerem que os professores considerem a mídia como parte integrante da experiência de vida diária dos alunos e a relação entre ambos

⁴ No Brasil, tomo como referência o GRUPEM – Grupo de estudos em Mídia-Educação, localizado na PUC-RJ, sob a coordenação da professora Rosália Duarte.

como repleta de significações que não são criadas de forma isolada, mas num contexto específico e numa rede de sentidos. E é justamente essa rede de sentidos, aliada às novas competências que serão adquiridas por meio da alfabetização multimidiática (competências de leitura, escrita, reflexão, julgamento crítico...) que vai transformar os sujeitos que as adquirem, bem como o modo pelo qual atuam na sociedade. Portanto, mídia-educação, tem a ver também com ação social, com o modo pelo qual os sujeitos agiam antes de adquirirem determinado conhecimento e pelo modo com o qual passam a agir depois do mesmo, tanto na esfera pessoal como profissional de suas vidas. Em última instância, tem por objetivo ensinar os alunos a desconstruir mensagens, percebendo relações de poder e compreendendo a serviço de quais interesses as mensagens são transmitidas, construindo, assim, um pensamento crítico sobre os meios, envolvendo-os na produção destes, de maneira que possam através de sua participação tentar modificá-los.

Ainda segundo Buckingham (idem) a mídia-educação tem sido encarada nas escolas como disciplina curricular, e mesmo assim, com características diferentes de disciplinas mais comuns do currículo, como Literatura ou Matemática. Para se definir uma disciplina podemos ter um corpo específico de conhecimentos que serão ensinados ou um conjunto de habilidades, ou seja, uma série de competências, que serão aprendidas pelos alunos. Para o autor, entendida enquanto disciplina, a prática mídia-educativa não estaria enquadrada em nenhuma dessas definições, devendo ser definida por uma série de “conceitos-chave” (p.53) a serem compreendidos e operados pelos estudantes. No seu entender, esta definição de conceitos-chave seria vantajosa, já que por ser uma área onde os avanços tecnológicos são espantosamente rápidos, o fato de não ter um conjunto de conhecimentos pré-definidos evita que ela se torne obsoleta e ultrapassada, além de permitir que os conteúdos estudados variem bastante e possam estar de acordo com os interesses e necessidades de quem os estuda.

Buckingham organiza esses conceitos-chave em quatro grandes eixos: produção, linguagem, representação e audiência. Nessa perspectiva, poderíamos dizer que a mídia-educação se definiria pelo estudo desses conceitos, que são aplicáveis a todo e qualquer tipo de mídia e permitem um entendimento mais abrangente das diferentes dimensões que envolvem a produção, circulação e consumo de produtos midiáticos.

A produção envolveria a conscientização e o reconhecimento de que tudo que é gerado pelas mídias sofre grande influência de quem as produz. E, apesar de algumas produções serem feitas por indivíduos que trabalham sozinhos ou com objetivos sociais e educativos, a maioria é feita por grupos de pessoas e empresas que quase sempre visam o lucro. Neste tipo de abordagem estariam envolvidos os estudos das diferentes tecnologias, das práticas profissionais, das indústrias que trabalham com mídias e suas regulamentações, além dos aspectos de circulação e distribuição dos produtos midiáticos.

A linguagem, ou melhor, as linguagens seriam estudadas a partir de suas combinações e de como estas combinações são utilizadas de variadas formas, pelos diferentes meios, para comunicar e transmitir mensagens. Assim, o estudo dessas diferentes linguagens e seus usos, geraria um melhor entendimento, por parte de quem consome esses produtos, de como se criam e se constroem significados e sentidos, às vezes opostos, para uma mesma idéia. Aqui, então, seriam relevantes os estudos das convenções e códigos de uma dada linguagem, e dos diferentes gêneros de textos midiáticos (num mesmo veículo, como a televisão, temos diferentes gêneros: noticiários, novela, programa de auditório, filme etc.). O estudo das linguagens e de como elas são escolhidas e combinadas, seja através de uma seqüência de imagens, sons ou palavras, permite a análise mais consciente da circulação de significados.

A representação é um dos princípios fundamentais que norteiam os estudos nesta área já que, em se tratando de mídia, estamos falando em re-apresentações da realidade. O estudo das representações certamente esbarra em questões delicadas de valores e ideologias e não se dá de forma fácil, mas é de suma importância se quisermos que nossos alunos sejam capazes de analisar criticamente estereótipos que possam ser transmitidos pelas mídias, além de entenderem melhor porque algumas representações veiculadas são aceitas pelo público como válidas, e outras são totalmente rejeitadas.

O quesito audiência trataria basicamente de desmitificar a idéia de que esta seria passiva e totalmente influenciada pelas agências “todo poderosas”. Estudos de como as pessoas e grupos sociais usam, interpretam e respondem a diferentes

tipos de mídia⁵ vêm mostrando claramente a via de mão dupla entre quem produz e quem consome mídia, enfatizando que o processo de comunicação é bilateral, mutuamente determinado e bem mais complexo do que querer atribuir passividade aos consumidores, que seriam vítimas indefesas da má influência exercida pela mídia. Apesar desta área ainda ser pouco explorada pela educação, como campo de pesquisa, encontramos nos estudos desenvolvidos por Martin-Barbero e na sua Teoria das Mediações⁶ uma fonte valiosa de informações. Essa perspectiva valoriza justamente a relação dialógica com sujeitos que pensam e atuam sobre as mensagens transmitidas pelos meios, de modo a absorver certas coisas, mas a resistir e a transformar outras. Em outras palavras, este autor nos ajuda a compreender como os sentidos que se constroem entre as particularidades dos sujeitos e a mídia são diretamente influenciados pelos contextos culturais nos quais ambos se inscrevem.

É importante salientar que os quatro grandes eixos de estudo propostos por Buckingham não se organizam de forma hierárquica. Pelo contrário, devem ser trabalhados de forma interdependente, sobressaindo o(s) eixo(s) que estiver(em) mais em evidência no estudo de determinado tipo de mídia ou que for(em) do interesse maior dos alunos e professores envolvidos.

Em relação à metodologia utilizada nas práticas mídia-educativas, Buckingham (idem) cita aquelas que vêm sendo utilizadas por mídia-educadores na Inglaterra, que seriam: análise textual e contextual, estudos de caso, transformações e utilizações de uma mesma mensagem para diferentes tipos de mídia, simulações e produção. Aqui, vale ressaltar que se a produção dos estudantes é um ponto bastante relevante para que uma prática seja considerada mídia-educativa, esta produção não se esgota em seu produto final. Possibilitar a expressão dos alunos de forma criativa e utilizar diferentes tipos de mídia para se comunicar é válido, mas em se tratando de estar inserido nesse campo, o objetivo vai além do aspecto artístico e criativo e do treinamento tecnológico. Assim, no contexto defendido, a produção deve sempre vir acompanhada de reflexão

⁵ Tomamos como referência aqui pesquisas realizadas pelo GRUPEM – Grupo de Pesquisa Educação e Mídia, especificamente as pesquisas desenvolvidas por Papelbaum, 2005 e Duarte, 2004.

⁶ Produção coletiva de significados de produtos culturais. Para maiores informações ver: Martin-Barbero, 2003.

sistemática e avaliação, encorajando os estudantes a decidir e escolher de forma consciente o que estão produzindo e comunicando. Só assim o objetivo dessa proposta educativa, de fazer com que os alunos pensem criticamente sobre suas escolhas e considerem cuidadosamente suas possíveis conseqüências, estará sendo alcançado.

Se ainda não há consenso quanto à metodologia de pesquisa a ser adotada nesse campo, Rivoltella (2004) considera ser a pesquisa-ação a metodologia mais indicada. O pesquisador italiano alerta para a diferenciação entre esta e a intervenção pedagógica ou experimentação, defendendo-a como uma maneira de intervir na realidade, gerando mudanças. Ou seja, para ele, toda pesquisa em mídia-educação deve estar a serviço das transformações sociais. A definição clara de uma metodologia de pesquisa também é vista por Rivoltella como uma das condições necessárias para a consolidação da mídia-educação como campo de pesquisa, além de pontos comuns entre os pesquisadores, um número relevante de pesquisas na área que contribuam para o aumento específico da produção de conhecimentos, bem como a divulgação, estudo e formação de profissionais através de seminários, encontros e congressos, que devem ser cada vez mais freqüentes.

Na Inglaterra, onde estudos nessa área vêm sendo desenvolvidos de forma sistemática, foi a partir da década de 60 que surgiram cursos específicos em mídia, dentro das escolas. Esses cursos eram encontrados na forma de disciplinas eletivas e oferecidos nos dois últimos anos do Ensino Médio. Entre eles, encontravam-se cursos de Estudos sobre Cinema, Estudos de Comunicação e Televisão, dentre outros, surgindo os Estudos de mídia a partir da década de 70.

A partir do final dos anos 80, com a criação de um “Currículo Nacional”, houve uma maior centralização dos currículos escolares, que deixavam pouca margem para o oferecimento de disciplinas optativas. A diminuição do tempo escolar livre para este tipo de disciplinas, aliado à redução de recursos financeiros para treinamento docente e para o investimento em novos equipamentos, fizeram com que os cursos especializados em mídia fossem cada vez menos oferecidos nas escolas. Por outro lado, começaram a ser desenvolvidas atividades mídia-educativas por professores de outras disciplinas, que faziam parte do currículo obrigatório. Este fato é defendido pelos especialistas em mídia-educação, que alegam que esta deve ser encarada como um elemento presente em todas as

disciplinas curriculares e abraçada por todos os professores, tamanho o lugar que os meios ocupam na vida das pessoas e, conseqüentemente, dos alunos.

Foi assim que, a partir de 1990, a mídia-educação teve seu lugar definido dentro da escola como uma prática transdisciplinar, que atravessa todas as áreas do currículo, ou seja, uma dimensão das disciplinas obrigatórias, deixando assim de ser ensinada por especialistas e passando a ser ensinada por professores disciplinares. Na verdade, entendemos aqui a necessidade que se coloca de formar professores nessa área. Mais do que ser “tirada” das mãos de especialistas, em nosso ver, os especialistas estão se ampliando, na medida em que, agora, passam a abranger mais profissionais (aqueles que antes especializavam-se somente em suas disciplinas).

Através de disciplinas como História, Música, Ciências seria possível uma prática mídia-educativa dentro dos moldes defendidos, qual seja, o de encorajar os estudantes a entender as mídias de forma complexa, dinâmica e crítica. Aqui, mais uma vez, lembramos da importância de como estas devem ser utilizadas em sala de aula para permitir uma abordagem com estes objetivos, deixando de ser instrumento de ensino e passando a ser encarada como meio de produção e reflexão por parte dos alunos. Certamente que se corre um risco de redução do ensino dos meios, enfatizando seu aspecto de análise e produção crítica, a um aspecto meramente instrumental. Daí, a importância dos profissionais avaliarem constantemente suas práticas para que elas se mantenham dentro desses termos de possibilidade e capacitação crítica.

Por enquanto, estas preocupações estão mais relacionadas aos especialistas na área, que já realizam pesquisas há algum tempo, do que aos professores disciplinares propriamente ditos, que começam lentamente a se engajar neste tipo de trabalho, a partir das demandas dos alunos e da sociedade, mas principalmente a partir de suas próprias motivações e interesses.

Tentando correr menos riscos possíveis em relação a essa utilização técnica dos meios é que os especialistas vêm defendendo, então, a criação de um Departamento de Estudos de Mídia (Buckingham, 2003, p.93) dentro das escolas, que seria responsável pela formulação e implementação dessas práticas transdisciplinares. É dessa forma que esse problema vem sendo tratado pelo sistema público de ensino inglês.

Apesar do termo mídia-educação remeter-nos quase sempre para o ambiente escolar, já que a escola é a instituição mais formal de educação da sociedade, é possível encontrarmos essa prática em outros setores da sociedade como organizações governamentais, fundamentalmente, mas também igrejas, dentro da própria família e no campo dos movimentos sociais. No caso do Brasil já contamos com numerosas experiências ao nível da intervenção social ou práticas educativas que vêm trabalhando com análise e produção de mídia por crianças e adolescentes de classes sociais menos favorecidas ou pertencentes a outros grupos marginalizados, com esse objetivo de conscientização e mudança social⁷. Esse tipo de educação vem crescendo fora da escola, já que muitas vezes há limites para o desenvolvimento da mesma de forma plena dentro das instituições de ensino, além do fato de estar sendo cada vez mais reconhecida a importância da chamada aprendizagem informal, promovida por outras instâncias sociais (organizações não-governamentais, por exemplo).

Além disso, no Brasil, têm-se destacado na área de mídia-educação as pesquisas do professor Ismar Soares, na USP, em São Paulo⁸, bem como do GRUPEM⁹, coordenado pela professora Rosalia Duarte, na PUC – RJ.

A análise dos textos citados nos leva à conclusão de que na Europa os estudos e pesquisas estão mais voltados para a tese de que educar para as mídias deve envolver a formação de sujeitos independentes, críticos e participantes. Nos Estados Unidos, estes estudos estariam mais relacionados com o problema da recepção, na perspectiva de avaliar as conseqüências e impactos diretos das mensagens transmitidas pelas mídias nas ações das pessoas, principalmente de crianças e adolescentes (teoria dos efeitos). Ali, o crescimento da criminalidade, da gravidez precoce e do uso de drogas têm sido estreitamente relacionados a sua grande exposição nos meios de comunicação. No Brasil parece haver uma tendência maior a defender a tese de que a educação para as mídias contribui para o fortalecimento e desenvolvimento de sujeitos e grupos marginalizados, propiciando o acesso e a democratização dos meios, em prol de uma maior justiça social. Mas, dadas as diferentes nuances, o que se percebe é que a educação para as mídias tem sido vista como necessária e urgente em muitos países e várias

⁷ Tomo como referência deste tipo de trabalho, o realizado por Leite, 2005.

⁸ <http://www.educabrasil.com.br/eb/exe/texto.asp?id=447>, <http://www.usp.br/educomradio/>

⁹ wwwusers.rdc.puc-rio.br/midiajuventude/apresentacao.htm

organizações governamentais e não-governamentais têm se dedicado a implementá-la.

Neste trabalho a mídia-educação está sendo considerada em sua dupla dimensão: como campo de ação e de prática educativa e como área de estudos, levando-se sempre em conta a complexidade de ambos.